

ODE AO SURREALISMO POR CONTA ALHEIA

Marcelo Pacheco Soares*

No que diz respeito a discussões sobre o Surrealismo, Jorge de Sena enverga certo pioneirismo em Portugal desde ao menos um breve artigo de jornal publicado em 1944, em que ainda usa como nomenclatura a tentativa de tradução “*Sobrerealismo*”. Tal posição de proa, contudo, não impediu Sena de estabelecer com aqueles que se autointitularam efetivos poetas surrealistas portugueses (notadamente Mário Cesariny) relação conflituosa — algo, cabe destacar, bem ao gosto dos signatários do movimento, em Portugal ou França. Cesariny e seus companheiros (como António Maria Lisboa e Pedro Oom) são não apenas críticos de produções literárias que Sena tivesse ousado sugerir como algum exercício surrealista seu mas, em especial, condoeram-se pelos artigos que o autor publicara em 1949 acerca da Exposição do Grupo Surrealista de Lisboa de janeiro daquele ano. É ao fim de um desses artigos que surge o poema “Ode ao Surrealismo por Conta Alheia”, que figurará no ano seguinte no volume *Pedra Filosofal*.

A composição irritou os surrealistas e gerou hostil resposta escrita a quatro mãos por Cesariny e Oom que considerava o poema “*insinuoso, maneta e sacristão*”. Sena negou seu valor jocoso em um dos seus últimos artigos, de 1978: “Um dos cavalos de batalha, se não me engano, era um poema com que os artigos terminavam, “*Ode ao Surrealismo por conta alheia*”, que considero dos melhores e mais sérios poemas que já escrevi e foi considerado um perverso ataque satírico.” Mas vemos a necessidade de tomar como retórica a declaração seniana, de certo modo comprometida pelo seu envolvimento com as circunstâncias evidenciadas em todo esse artigo — catarse da espécie de espoliação intelectual que sofrera pelos surrealistas portugueses — cujo título é, dada a sua desproporcional dimensão, declaradamente irônico (“Notas acerca do Surrealismo em Portugal, escritas

por quem nunca se desejou nem pretendeu precursor de coisa alguma, ainda que, cronologicamente, o tenha sido, por muito que isto tenha pesado a muitos surrealistas, ex-surrealistas etc., do que se não excluem mesmo eminentes pessoas que contam entre os melhores e mais dedicados amigos do autor”).

Assim, é afinal compreensível que a leitura defendida décadas mais tarde por Sena para o poema não fosse, à época, a mesma realizada pelos grupos surrealistas em Portugal, que o receberam, com razão, como uma crítica. Configuram a paródia seus versos exageradamente longos e a enumeração caótica que se desenvolve indefinidamente sem aparente objetivo, além do encerramento que se dá por uma interrupção avaliada como — e a escolha vocabular produz um juízo de valor — oportuna: “*Oportunamente interrompida pela chegada de uma pessoa conhecida*”, diz o verso final. A figura interpelada pelo Poeta (“*Que levas ao colo?, Que transportas silencioso?*” etc) esconde algo que não revela (“*Embalas e não respondes*”, reitera-se em dois versos), alusão à absoluta ausência de sentido de uma estética surrealista mais ortodoxa, com que Sena não comunga. A ode ironiza ainda um suposto e caricato temor dos surrealistas de que, na aleatoriedade do seu trabalho, se produzisse por acaso algum sentido corriqueiro, algo nunca de todo impossível, mas que poria em xeque a espontaneidade da sua escrita. O receio de que o método de produção conhecido como *cadavre exquis*, que lhe é constitucional, acidentalmente referisse uma existência cotidiana está satirizado em versos como: “*Temes as palavras? / Temes que saiam versos, lágrimas, casamentos, satisfações apressadas em campos de arrabalde?*” Essa *persona* que circula no poema ocultando algo ao colo concretiza-se, pois, como espécie de *tu-poético* da ode e é ela na verdade quem se identifica com o Surrealismo, ou seja, a referência é significativamente externa à voz do poema, afastando então dessa estética o seu *eu-poético* inquiridor. Por isso trata-se não de uma *Ode Surrealista* mas de uma *Ode ao Surrealismo* (e, enfatizemos, *por conta alheia*).

Mas o fato é que não é o Surrealismo o que o autor critica e sim certos poetas. Jorge de Sena vê nessa vanguarda um alto valor libertário (e a liberdade é um dos grandes signos de sua obra), considerando-a “matéria que é, por sua natureza, a-dogmática, a-ortodoxa”; portanto, amarrá-la a regras que determinam o que é ou não Surrealismo desfiguraria, para ele, a poética do movimento vanguardista a partir da negação do que está em sua gênese. Pois reside aí, na discussão da estética do movimento, o motor ético desse poema.

* Professor do IFRJ- Instituto Federal do Rio de Janeiro. Doutor e Mestre em Literatura Portuguesa pela UFRJ- Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pós-Doutorado pela UFF-Universidade Federal Fluminense.